



Vol. 26, nº 1 (2024)

HISTÓRIA, ESCRIT(UR)A E MEMÓRIA NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

HISTORY, WRITING AND MEMORY IN THE ROMANCE *DOIS IRMÃOS*, BY MILTON HATOUM

Fátima do Nascimento Varela¹

Recebimento do Texto: 09/05/2024

Data de Aceite: 04/06/2024

Resumo: A produção literária do escritor Milton Hatoum apresenta uma questão latente no construto de sua escritura: a posição do narrador e suas implicações no processo de criação artística literária. Faremos uma incursão no romance *Dois irmãos* (2006), com o objetivo de evidenciar de que modo as estratégias empregadas nas relações dos elementos da narrativa – narrador, personagens e memória – contribuem para uma perspectiva pós-colonial e decolonial. Nesse movimento, há a presença intrínseca da memória, evidenciando a sua importância no processo de construção estética do romance. Para isso, estabelecemos um diálogo com estudiosos que se dedicaram aos estudos no campo que diz respeito ao fenômeno do pós-colonialismo e decolonialismo.

Palavras-chave: Milton Hatoum. História. Memória. Pós-colonialismo. Decolonialismo.

Abstract: The literary production of writer Milton Hatoum presents a latent issue in the construction of his writing: the position of the narrator and its implications in the process of artistic creation. We will make an incursion into the novel *Dois Irmãos* (2006), with the aim of highlighting how the strategies used in the relationships between the elements of the narrative – narrator, characters and memory – are protected from a post-colonial and decolonial perspective. In this movement, there is an intrinsic presence of memory, highlighting its importance in the process of aesthetic construction of the novel. To this end, we established a dialogue with scholars who have dedicated themselves to studies in the field of post-colonialism and decolonialism.

Keywords: Milton Hatoum. History. Memory. Postcolonialism. Decolonialism.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Tangará da Serra. E-mail: fatiminhavha@gmail.com



Neste estudo, faremos uma incursão no romance *Dois irmãos* (2006), com o objetivo de evidenciar de que modo as estratégias empregadas nas relações de determinados elementos da narrativa – narrador, personagens e memória – contribuem para uma perspectiva pós-colonial e decolonial. Nesse romance, narradores e personagens se lançam em uma jornada pelos meandros da memória, arquitetando movimentos entre passado e futuro, ancorados por vestígios de histórias individuais e coletivas que se entrelaçam. Percebemos, na criação desse espaço/tempo em movimento, a presença intrínseca da memória, evidenciando a sua importância no processo de construção estética do romance. Para isso, o narrador lança mão da memória apoiado em testemunhos daqueles com quem compartilhou suas vivências, atribuindo à narração um teor de “verdade”.

Muito da história de Nael depende de Domingas. Ela atua como um testemunho vivo de acontecimentos que Nael não presenciou ou não estão vivos na sua memória. Então ele segue guiado muitas vezes pelo testemunho dela. Paul Ricoeur, filósofo francês que desenvolveu um estudo acerca da relação entre memória, história e narrativa em *A memória, a história, o esquecimento* (2018), afirma que “os testemunhos das pessoas do passado constituem o primeiro núcleo, então, todos os rastros possuem a vocação de ser arquivados (2018, p. 178).

A produção literária do escritor Milton Hatoum apresenta uma questão latente no construto de sua escritura: a posição do narrador e suas implicações no processo de criação artística literária. Nosso intuito, considerando a importância da posição do narrador, na constituição da obra *Dois irmãos* (2006), é realizar um estudo acerca de aspectos que possam contribuir com a leitura que nos propomos neste trabalho. O conjunto da obra desse escritor amazonense, descendente de libaneses que se deslocou para o Sudeste do país há algumas décadas, apresenta narradores e uma narradora que buscam conhecer suas origens, o encontro consigo mesmos, impulsionados pela angústia frente a um mundo que amiúde os sufoca e lhes nega a possibilidade de ser.

O romance *Dois irmãos* é constituído pela perspectiva de um narrador em primeira pessoa, inserido em um drama familiar, sendo esta uma questão recorrente nos romances de Milton Hatoum. A história de Nael, filho de Domingas, configura o apagamento de subjetividades relegadas a espaços marginais e ao silenciamento; ele carrega a cicatriz da rejeição e da dúvida sobre a sua paternidade e tantas outras questões que atravessam a vida dos invisíveis, daqueles que já nascem cerceados por aparelhos institucionalizados pelo Estado,



sustentáculos de uma ordem atroz que oprime, escraviza, mata a possibilidade de sonhar. O início da narrativa se dá pelo relato dos últimos dias da matriarca Zana

ZANA TEVE DE DEIXAR TUDO: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a BÍBLOS de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e os pomares cultivados por mais de meio século. (Hatoum, 2006, p. 9)

Essa personagem assiste, no fim de sua vida, à dissolução da família e ao desaparecimento do brilho da casa. As relações da família e o brilho da casa dependiam de Domingas, a “sombra servil de Zana” (Hatoum, 2006, p. 27). Ela “Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela” (Idem, p. 20). Vale lembrar que a Casa adquire sentido polissêmico. Ela é o espaço onde ressoam estilhaços de acontecimentos deflagrados no âmbito global – a segunda guerra mundial –, é um microcosmo que representa uma estrutura macro, “Fora assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro.” (Hatoum, 2006, p. 18).

O núcleo familiar onde imperam relações familiares conflituosas, mediadas por interesses individualistas, é o lugar onde o Outro não existe. Nesse sentido, podemos afirmar que Milton Hatoum, ao criar esse movimento entre o mundo interior do narrador, o espaço privado – a casa – e o espaço coletivo, nos leva a conjecturar que o seu Projeto Literário tem como espinha dorsal a representação das relações humanas, estabelecendo um elo entre o individual e o coletivo, entre a tradição e a modernidade, mas sempre com a presença pujante da memória e suas.

Stuart Hall, sociólogo que nasceu na Jamaica e se radicou na Inglaterra, considera que, pelo fato de ser um fenômeno social, faz-se imprescindível avaliar a complexidade inerente ao conceito de “identidade” e a impossibilidade de “oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” por ele, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006).

Stuart Hall desenvolveu pesquisas no campo que diz respeito ao conceito de identidade na pós-modernidade. Ele foi um dos pioneiros no tema que ficou conhecido como "Estudos culturais" e realizou trabalhos de suma importância para a discussão proposta aqui. A ideia



desenvolvida por esse sociólogo acerca desse fenômeno de dimensão social tão complexo explicita certos acontecimentos próprios da colonização e de que forma afetam as subjetividades. Ele afirma que “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (Hall, 2006, p. 8) e, a partir disso, expõe que o seu “propósito é o de explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualificá-la e discutir quais podem ser suas prováveis consequências” (Hall, 2006, p. 8).

O referido crítico argumenta² à época que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2006, p. 9). Então, preocupou-se em analisar os reflexos do processo de globalização nas identidades culturais nacionais, como elas foram afetadas ou deslocadas (Hall, 2006, p. 47). Acreditamos que seu interesse por esse tema foi impulsionado pela sua história de vida, pelo seu lugar de fala e isso trouxe também densidade para a materialidade do seu pensamento.

Nesse sentido, o romance em questão, neste trabalho, dialoga com a análise de Stuart Hall, à medida que reflete os deslocamentos de identidades, o hibridismo e sintomas de acontecimentos globais na vida de personagens. Para comprovar nossa hipótese, este estudo está ancorado nas relações entre a personagem Zana, a matriarca de uma família descendentes de libaneses que se radicaram em Manaus, a Cidade Ilhada, lugar onde, embora distante dos grandes centros do país, chegam ecos da Segunda Guerra Mundial e suas ressonâncias, e Domingas, a cunhantã “guardiã da casa”, que “engomava a roupa no quartinho dos fundos” (Hatoum, 2006, p. 144) e seu filho Nael, narrador personagem, que sofre a rejeição da sua própria família por não ser considerado parte da família mesmo sendo filho de um dos gêmeos, como a própria narrativa sugere, e por isso é excluído do núcleo familiar, ocupa um quartinho no fundo do quintal junto à sua mãe Domingas.

Gayatri Chakrabarty Spivak (2010) faz uma provocação ao grupo dos estudos subalternos - em que também está inserida - recomendando que este possa refletir sobre uma questão premente nos estudos pós-coloniais: “o subalterno como tal pode, de fato, falar?” (Spivak, 2010, p. 11). Esse questionamento, baseado em uma crítica à ênfase de Gramsci na autonomia do sujeito subalterno como uma premissa essencialista, remete à preocupação da autora em teorizar sobre um sujeito subalterno que não pode ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois esse sujeito é irredutivelmente heterogêneo. Spivak afirma que

² Importante observar que a afirmação se refere à época em que Stuart Hall publicou o livro: início do século XX.



[...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). [...] não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido” (Spivak, 2010, p. 14).

Como ela mesma assevera, suas reflexões estão pautadas na crítica aos esforços atuais do Ocidente para problematizar o sujeito, em direção à questão de “como o sujeito do Terceiro Mundo é representado no discurso ocidental” (Spivak, 2010, p. 20) e sugere haver a descentralização do sujeito implícita em Marx e Derrida e argumenta que a “produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente.” (Idem)

As proposições de Stuart Hall vão ao encontro do pensamento de Gayatri C. Spivak no seu livro *Pode o subalterno falar?* (2010), no qual ela constrói uma análise contundente acerca do modo como o sujeito do Terceiro Mundo é representado no discurso colonial e questiona a crítica pós-colonial. O próprio título desse livro coloca em evidência uma questão crucial para os estudos culturais e as relações que se dão nos espaços de fala. Milton Hatoum dá voz ao subalternizado e, nesse sentido, o seu Projeto de Literário, sua escrit(ur)a vai ao encontro do pensamento de Spivak. É Nael, personagem que habita o fundo do quintal da casa mesmo sendo um dos membros da família, quem detém o poder para conduzir a materialidade de sua própria história e da história da família em *Dois irmãos*. Ele observa os acontecimentos de fora. Dotado de uma visão profunda da intrincada rede na qual está inserido, nos conduz à realidade plasmada, no tecido romanesco, por um olhar que vai além das camadas superficiais da realidade imediata. Hatoum confere a legitimidade do discurso a quem lhe foi negada a legitimidade familiar.

A trama do romance evidencia as relações de poder instauradas em um espaço privado, a casa, que tem na figura feminina da matriarca Zana, a expressão de sentimentos e ações que condensam a ideologia colonial, mesmo sem gozar de todos os privilégios dos quais gozam os colonizadores vorazes, sedentos de riquezas e de poder. As figuras femininas exercem papéis que as singularizam. Zana se apodera das decisões acerca da casa, dos negócios da família, posição delegada ao homem, segundo o padrão patriarcal, é subvertida em *Dois irmãos*: “Meu pai ainda tentou me ajudar, fez de tudo, implorou para que Zana cedesse, aceitasse, mas não adiantou. Ela era mais forte, enfeitiçou meu pai até o fim”. (Hatoum, 2006, pp. 155-156)



O romance *Dois irmãos* constitui-se por personagens deslocados, marcados por diferenças no que diz respeito às suas origens, classe social e cultura, condições que determinam o modo de existência imposto pela estrutura que prima pela permanência da estratificação social de uma “sociedade colonizada e civilizada”, e, conforme o psiquiatra e filósofo Franz Fanon enfatiza em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), que “qualquer ontologia [do ser] torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada [grifo nosso] (Fanon, 2008, p. 103).

A personagem Zana vivencia a experiência da diáspora. Desloca-se do seu lugar de origem, Búblis, cidade localizada na Líbia. Entretanto, diferentemente de Domingas, não sofreu as atrocidades desferidas aos povos autóctones da América, desde o início da chegada dos europeus até os nossos dias. Ela pertence ao grupo dos que carregam em si a herança de valores advindos de além mar, incapazes de vivenciar a experiência da alteridade de forma autêntica, que ignoram a humanidade latente dos povos originários. Então lançam mão de estratégias com o objetivo de enfraquecê-los valendo-se da destruição da história, o apagamento da memória, a dissolução de laços familiares, a negação da cultura, pois visam o lucro por meio da reificação de seres, como podemos notar na passagem em que Nael foi cumprir uma das ordens de Zana. Ela o mandou ir à costureira e no caminho sofre uma vertigem devido ao sol e à fome por ter saído sem almoçar. Ele se senta no banco da praça e lembra da sua mãe que já estava morta: “Pensei nela, no tempo que havia passado naquele cativo, e depois me lembrei das palavras de Laval: que ali, debaixo da praça, havia um cemitério indígena” (Hatoum, 2006, p. 134). Sobre o lugar de culto aos seus antepassados mortos, constrói-se um lugar de lazer para os habitantes da cidade. A história contada por Laval, o professor, poeta e filósofo, leva Nael a fazer conexões entre o passado e o presente. Essa realidade retratada no romance busca desvelar os meandros obscuros da natureza humana.

O resgate da história, seja individual ou coletiva, pela voz daqueles que vivenciaram a experiência da violência e do trauma sofridos e dos que ainda são afetados pelo processo de colonização é um caminho para a reintegração, para o reencontro e a experiência do contato com as origens, uma fonte poderosa que torna possível a afirmação da identidade. O retorno suscita a complexidade da relação entre o eu o Outro. Essa é a trajetória do narrador personagem Nael. Ele rememora e materializa a sua história como um espectador que observa de longe; um narrador atento que depende de outros personagens para compor a trama enredada pelos fios das pulsões: paixões, ambições, vinganças, ressentimentos, ciúme, ódio, traição.



No prefácio à obra *Os condenados da terra* (1968), de Franz Fanon, Jean-Paul Sartre afirma que esse psiquiatra, movido por um pensamento que mergulha nas profundezas da psiquê humana, apresenta um diagnóstico da Europa e assevera que ela “cava a própria ruína” (FANON, 1968, p. 5). Sarte ainda adverte: “Este médico não pretende nem condená-la sem apelação - há tais milagres - nem lhe fornecer os meios de cura; constata que ela agoniza de fora, baseando-se nos sintomas que pôde recolher.” (Idem).

O narrador de *Dois irmãos* observa os acontecimentos de fora e a partir da ótica de Domingas e de Halim. Assim vai reconstruindo a sua história, “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final. (Hatoum, 2006, p. 23). Domingas perdeu a mãe ainda criança e o pai anos depois. Sofre também a perda do irmão. Após a morte do pai, ela foi separada do irmão e levada para o “orfanato de Manaus, acompanhada por uma freira das missões de Santa Isabel do Rio Negro. As noites que ela dormiu no orfanato, as orações que tinha de decorar, e ai de quem se esquecesse de uma reza, do nome de uma santa” (Hatoum, 2006, p. 55). Disso ela nunca esqueceu e nem do irmão que nunca mais pôde ver. A convivência com Zana e com todos da casa a submeteu a um processo de adaptação àquele mundo onde foi inserida, pelo arranjo entre a dona da casa (Zana) e a Irmã Damasceno.

Os artifícios que levaram Domingas à casa do casal de comerciantes, descendente de libaneses, Halim e Zana, retrata o modo como se dava a violência praticada pela Igreja e por determinados imigrantes árabes considerados “civilizados”. Esses, embora não pertencessem ao grupo dos colonizadores vorazes, aderiam a certas estratégias de violência física e psicológica, de dominação e exploração do Outro como podemos constatar na passagem a seguir do romance, momento em que Domingas sai do orfanato presidido pelas “Irmãzinhas de Jesus” e é levada à casa de Zana:

A irmã pôs uma touca na cabeça dela e as duas saíram do orfanato, e caminharam até a avenida Joaquim Nabuco e entraram numa rua arborizada que dá na praça Nossa Senhora dos Remédios. Pararam diante de um sobrado antigo, pintado de verde-escuro. No alto, bem no centro da fachada, um quadrado de azulejos portugueses azuis e brancos com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Uma mulher jovem e bonita, de cabelo cacheado, veio recebê-las. “Trouxe uma cunhantã para vocês”, disse a irmã. “Sabe fazer tudo, lê e escreve direitinho, mas se ela der trabalho, volta para o internato e nunca mais sai de lá.” Entraram na sala, onde havia mesinhas e cadeiras de madeira empilhadas num canto. “Tudo isso pertencia ao restaurante do meu pai”, disse a mulher, “mas



Vol. 26, nº 1 (2024)

agora a senhora pode levar para o orfanato.” Irmã Damasceno agradeceu. Parecia esperar mais alguma coisa. Olhou para Domingas e disse: “Dona Zana, a tua patroa, é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha”. Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa. As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda. Se tivesse ficado no orfanato, ia passar a vida limpando privada, lavando anáguas, costurando. Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. Chamavam-na de ingrata, mal agradecida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato. A visão do edifício a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar a palmatória. Estava educando as índias, dizia. Na casa da Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. Viu os gêmeos nascerem, cuidou do Yaqub, brincaram juntinhos... Quando viajou para o Líbano sentiu falta dele. (Hatoum, 2006, p. 49)

Fica evidente a cunhantã Domingas sendo usada como moeda de troca. Zana, filha do comerciante descendente de libanês, adquire a cunhantã em troca de “mesinhas e cadeiras de madeira” e um envelope. A cena que retrata a entrega desse envelope ilustra acordos ilícitos em prol de privilégios na sociedade brasileira. Milton Hatoum mostra o modo como a escravidão se perpetua, utilizando-se de subterfúgios para ofuscar, amenizar o grau de violência que permanece o mesmo. A personagem Domingas foi escravizada no orfanato e na casa em que viveu até a morte. A violência sofrida nas mãos das “Irmãzinhas de Jesus” foi tão intensa a ponto dela evitar qualquer tipo de aproximação do orfanato. O diminutivo “Irmãzinhas” ironiza o papel da Igreja diante do horror instaurado contra os povos das florestas. Canclini afirma que

O objetivo de catequizar e evangelizar todos os povos do mundo parte de um lugar de “fazer o bem”, de levar o amor e a salvação, e é justamente aí que temos um ponto crucial: por vezes somos ensinados/as/es a associar opressão, racismo e demais violências a algo relacionado ao ódio, ao mal; mas para contracolonizar, ou seja, para fazer um esforço contrário à colonização, precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua. (Canclini, 2008, p. 17)

Nesse sentido, Nestor Garcia Canclini, ensaísta argentino, ressalta que a intrincada rede de relações entre cultura, modernidade e globalização afetam a produção dos atores. Suas reflexões giram em torno dos paradoxos da modernidade como o exposto no excerto acima, que deixa claro a contradição da Igreja e orfanatos. No contexto referido, a imagem de Jesus, que deixou um exemplo de amor incondicional pelo próximo, vai na contramão das “regras” impostas às cunhantãs enviadas para esses espaços, onde eram enclausuradas e sofriam violência psicológica, física, entre outras. Nas palavras do sociólogo Stuart Hall, “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional



busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (Hall, 2006, p. 59).

A vulnerabilidade de Domingas mediante a perda da família e do seu lugar a deixa à deriva, ao poder do acaso, daqueles que enxergam um ser como um objeto de posse. Domingas avalia a sua condição na casa para a qual foi levada pela Irmã Damasceno de forma positiva, mesmo sofrendo uma das violências mais cruéis na casa de Zana, a violência sexual. Ela nunca revelou o nome do criminoso, ou seja, o pai de Nael. A Domingas foi-lhe negado o espaço de fala, suas origens, seus sonhos. Nael traduz os desejos de sua mãe:

“Louca para ser livre.” Palavras mortas. Ninguém se liberta só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (Hatoum, 2006, p. 50)

Nael, consciente da ordem que impera no espaço que ocupa, revela nessas palavras a ideia assumida por Franz Fanon, frente à colonização, expressa no livro *Os condenados da terra*, no qual enfatiza que o processo de descolonização deve ser “um programa de desordem absoluta” tendo em vista que “propõe mudar a ordem do mundo” (Fanon, 1968 p. 26). Fanon acredita que o colonizado assume uma atitude protagonista nesse processo. Na realização desse programa, o colonizado “[...] tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência. Desde seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta” (Fanon, 1968, p. 27).

É essa perspectiva assumida por Nael. Sua origem híbrida, fruto de uma violência, coloca-o num espaço de fronteira que o oprime, encarcera-o e apaga até mesmo a presença dele. Esses motivos impulsionam nele o desejo de libertação. A construção do narrador-personagem representa uma questão social atual. De acordo com Canclini,

Os países latino-americanos são atualmente o resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas [...], hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicativas modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais (Canclini, pp. 73-74).

O regresso ao passado revestido de lirismo que o autor constrói é uma forma de colocar o leitor em contato com a realidade da casa edificada por meio de técnicas perversas,



configurando estratégias cada vez mais sofisticadas com o intuito de camuflar a violência contra povos indígenas, afrodescendentes e tantos outros grupos não pertencentes às categorias pré-estabelecidas pela voz dominante revestidas por interesses obscuros, mas que são desnudadas por escritores, poetas, romancistas e por teorias de pensadores como Stual Hall, Franz Fanon, Homi Bhabha, Albert Memmi e tantos outros. Entre os romancistas, está Milton Hatoum, que traz para o palco de seus romances narradores que se situam no entrelugar. Nesse sentido, a construção estética do narrador-personagem Nael, é a configuração de vozes que, por tantos séculos, foram silenciadas e sofrem devido ao apagamento de sua história:

EU NÃO SABIA NADA de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe (Hatoum, 2006, p. 54).

Ele é esvaziado aos olhos de Zana, a matriarca que “se sentia melhor quando dava ordens” (Hatoum, 2006, p. 65), enclausurada em seu pequeno mundo, olhava para Nael sem sentir a sua presença (Hatoum, 2006, p. 8). Nael era subordinado aos caprichos dela, a ordens cruéis que ele rememora e registra: “[...] Lembrei-me de uma tarde em que Zana à praça da Saudade para pegar um vestido numa costureira. Eu não tinha almoçado, o sol muito forte me deixou zozzo. Sentei num banco sombreado por um caramanchão”. (Hatoum, 2006, p. 134).

Em *Dois irmãos*, a figura da mãe é humanizada. Zana personifica pulsões: a paixão cega pelo filho Omar a faz construir uma imagem idealizada dele; o desejo de posse sobre o caçula; a crença na possibilidade de exercer o domínio sobre a vida do filho caçula Omar. Esses sentimentos e outros comportamentos dessa matriarca promove o desequilíbrio familiar, a dissolução de laços afetivos e uma verdadeira guerra no espaço privado, pelo que, assistimos ao esvaziamento da casa.

As declarações de Hall são um testemunho genuíno de como os processos de deslocamentos resultantes de fatores políticos, sociais e econômicos afetam a constituição de subjetividades, pois o sentimento de pertença, sentir-se parte de um grupo mais amplo, que gere um sentimento de identificação nacional o qual, “numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional” (Hall, 2006, p. 49). Daí advém a subordinação das



diferenças regionais e étnicas por um lado, e por outro o fortalecimento do estado-nação, “uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas” (Hall, 2006, p. 49).

Homi K. Bhabha, em *O local da cultura* (1998), traz uma questão extremamente relevante no campo da teoria crítica. Ele questiona a ordem eurocêntrica pré-estabelecida na qual “o lugar do crítico acadêmico é inevitavelmente dentro dos arquivos eurocêtricos de um ocidente imperialista ou neocolonial” (Bhabha, 1998, p. 43) e argumenta que os “domínios olímpicos do que é erroneamente rotulado como ‘teoria pura’ são tidos como eternamente isolados das exigências e tragédias históricas dos condenados da terra” (Bhabha, 1998, p. 42).

É evidente que esse modelo totalizante e antagônico não dialoga com as múltiplas formas de representação cultural que trazem para o centro vozes silenciadas – pessoas subalternizadas, mulheres, negros, pessoas LGBTQIA+ etc. –, os trânsitos entre culturas, o hibridismo cultural, projetos estéticos que emergiram a partir de meados do século passado. O romance *Dois irmãos* se insere nessa perspectiva. Precisamos destacar o modo como a pesquisadora e professora da Faculdade de Letras de Lisboa, Inocência Mata realizou uma densa pesquisa na área dos Estudos Pós-coloniais. No artigo intitulado *Estudos literários africanos e literatura-mundo: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária* publicado na *Revista Brasileira de História*, ela avalia o presente e evidencia por que toca em uma questão a respeito do nosso papel enquanto críticos literários, mais precisamente, ao que se refere à caracterização do campo dos estudos pós-coloniais,

[...] estes têm-se disseminado em novos lugares de enunciação e epistemologia e de interlocução geocrítica, por meio de perspectivas diversas, que permitem ler produções culturais do Sul global, para além de oposições binárias de que resulta(va) que determinadas produções (as africanas, por exemplo) significa(va)m sempre em função das do Norte global.

A escrit(ur)a de Milton Hatoum se situa numa perspectiva “pós-colonial em articulação com a categoria *literatura-mundo*, que tem sido propulsora de uma mudança epistemológica ao permitir pensar as produções literárias de sistemas ‘menos centrais’” [grifos da autora] (Mata, p. 7). Romances como os de Milton Hatoum, por não se deixar pautar pelo cânone, afirma sua postura excêntrica que não se adere ao antagonismo universal e local, ideia discutida por Inocência Mata no artigo supracitado. Vale ressaltar o olhar visionário e sensível do poeta escritor sempre à espreita que aponta para a intrincada rede que constitui a nossa realidade e conduz o leitor a deslocamentos afetivos.



Vol. 26, nº 1 (2024)

A realidade plasmada no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, expressa um compromisso com o presente, mas sempre em diálogo com a memória histórica entrelaçada à memória individual e, nesse jogo indissolúvel, retratam a complexidade das relações humanas que se dão no espaço privado e coletivo com o intuito de colocar em questão ideologias produzidas por estruturas sociais que lutam para a preservação de atrocidades humanas revestidas de técnicas refinadas e invisibilizadas aos olhos dos que não conseguem enxergar a verdade que as move. Os mecanismos de colonização mudaram, porém com o objetivo de se adequar à nova ordem, à globalização, e assim perpetuar o domínio, a acumulação de bens e riquezas destruindo vidas.

Referências

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintrão Genese Andrade e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**; tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

INOCÊNCIA, M. Estudos literários africanos e literatura-mundo: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 43 – 60, 2023.